



## **GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso**

### **Coordenador(es):**

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

### **Juventude e gênero no projeto de assentamento rural Conquista na Fronteira**

**Autoria:** Elisete Schwade (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Esse texto discute trajetórias e projetos de jovens residentes em um assentamento de trabalhadores rurais no oeste de Santa Catarina, território de fronteiras conquistadas, com enfoque nos impactos nas relações sociais de gênero. O assentamento, chamado Conquista na Fronteira, tem como uma marca importante o protagonismo de jovens desde a conquista da terra, o que foi possível observar em um processo de pesquisa que remete ao início dos anos 90, período em que fiz minhas primeiras incursões naquele campo. Trata-se de um projeto de assentamento que nasceu fortemente articulado a um grupo de militantes jovens vinculados ao MST e, nos mais de 30 anos de vigência da proposta, estreitou vínculos com esse importante Movimento, bem como outros momentos sociais em âmbito nacional e internacional (nesse último caso sobretudo por meio da Via Campesina). Não obstante, os dados sobre os jovens que vivem contemporaneamente o projeto indica que tal protagonismo se diferencia nas características e nas consequências, desde que envolve, não apenas contextos diferentes, mas trajetórias que dialogam com os campos de possibilidades abertos pelo projeto Conquista na Fronteira, no que se refere à formação escolar, mundo do work e relações afetivas. As possibilidades construídas na fronteira conquistada, ao longo da efetivação do projeto autodenominado "coletivo" (sem divisão da terra e viabilizado pela cooperação), vão desde novas perspectivas no interior do assentamento, com a ampliação das possibilidades de work; passando pela formação escolar e profissional em diferentes instituições de ensino no Brasil, com alcance internacional, com jovens participando de cursos no exterior e missões humanitárias em outros países. Portanto, a partir de dados sobre trajetórias e experiências de jovens socializados nesse assentamento considerado "modelo", o texto reflete sobre práticas e saberes em processos que tem repercussões na



construção das identidades, com permanências e transformações no que se refere aos modelos construídos mutuamente e que orientam as relações de gênero.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: